

UM PASSADO TURBULENTO: O Exército e a Segurança na Fronteira Mexicana, 1915-1917

Thomas A. Bruscino Jr. Ph.D.

O Dr. Thomas Bruscino é professor assistente de história militar na Escola de Estudos Militares Avançados (SAMS, o acrônimo em inglês) da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, no Forte Leavenworth, Kansas. Ele possui o título de Mestre e o de Doutorado em história militar pela Universidade de Ohio. Antes de juntar-se à SAMS, trabalhou como historiador no Centro de História Militar do Exército em Washington D.C., e depois no Instituto de Estudos de Combate no Forte Leavenworth, onde escreveu Out of Bounds: Transnational Sanctuary in Irregular Warfare (CSI Press, 2006), e dois estudos de caso de ações da Guerra Global Contra Terrorismo. Seus artigos, composições de análise e obras de opinião foram publicados em Claremont Review of Books, Journal of America's Military Past, Doublethink, San Luis Valley Historian, Honolulu Advertiser e Reviews in American History.

FOTO: "Já não agüento mais isso!" — Este desenho de 1916, do analista político gráfico Clifford K. Berryman, retrata Tio Sam perseguindo Pancho Villa através da fronteira mexicano-americana.
NARA



Em junho de 2006, os Estados Unidos enviaram forças militares à fronteira sul para ajudar a deter a onda de imigração ilegal do México. Dada a tempestuosa relação histórica entre os Estados Unidos e o México, essa estava

longe de ser a primeira vez que o Exército se dirigia ao sul para efetuar a segurança ao longo da fronteira. As questões relativas a essa fronteira sempre foram complexas e o envio de soldados treinados (ou não treinados) significa inseri-los numa situação muito difícil e potencialmente violenta. Em nenhum momento isso foi mais claro que em meados dos anos 10, quando o Exército na fronteira se viu embrulhado numa confusão de segurança fronteiriça, violência local, guerra de guerrilha, políticas raciais e diplomacia estatal.

Antecedentes

Na virada do século XX, a hostilidade tradicional entre os Estados Unidos e o México havia esfriado, devido, em grande parte, à estabilidade relativa proporcionada ao México pelo longo domínio de Porfirio Díaz. Essa paz tinha um preço: Díaz era um oficial militar que tomou o poder e governou como ditador de fato durante a maior parte do período entre 1876 e 1911. O México começou a se modernizar durante o regime de Díaz, mas as suas táticas opressivas, a forte dependência do país em relação ao investimento estrangeiro e a condição precária das classes mais baixas levaram à perda de apoio popular para o envelhecido general. Quando Díaz voltou atrás na promessa de se afastar do poder e permitir uma eleição livre em 1910, uma nova revolução e luta pelo poder tiveram início. Entre os líderes mexicanos proeminentes que surgiram naquela luta estavam Francisco Madero, Victoriano Huerta, Venustiano Carranza, Francisco “Pancho” Villa e Emiliano Zapata.¹

A instabilidade criada pela revolução mexicana levou a um aumento do papel do Exército na fronteira. Na primavera e verão de 1911, o Departamento de Guerra posicionou várias unidades do Exército Regular, com baixo efetivo, perto da fronteira, baseadas nas cidades de San Antonio e Galveston, no Texas, e San Diego, na Califórnia. As tropas se retiraram no final do ano, mas unidades menores permaneceram e realizaram patrulhas ao longo da fronteira para ficar de olho na situação no sul.² Em 1913, o Departamento de Guerra reorganizou as forças militares no território

continental dos Estados Unidos numa série de departamentos e distritos. O novo Departamento do Sul, sediado no Forte Sam Houston, Texas, abrangia Louisiana, Arkansas, Oklahoma e os estados fronteiriços do Texas, Arizona e Novo México. O General Tasker Bliss se tornou o primeiro comandante do departamento e teve a tarefa ingrata de tentar patrulhar a fronteira com três unidades de cavalaria de baixo efetivo.³

No outro lado da fronteira, Francisco Madero chegou ao poder quando foi eleito presidente em 1911, mas as forças lideradas pelo General Huerta depuseram e assassinaram o novo presidente no ano seguinte. Huerta montou um novo regime ditatorial e Carranza, Villa e Zapata iniciaram uma rebelião contra o general. O Presidente William Howard Taft, chegando ao fim de seu governo em 1913, mais uma vez posicionou soldados no sul do Texas para ajudar a estabilizar a fronteira, mas eventos diplomáticos logo sobrepujaram essa precaução.

A forma como Madero foi retirado do poder desagradou tanto ao presidente americano Woodrow Wilson que ele se sentiu compelido a intervir nos assuntos mexicanos. Em fevereiro de 1914, autorizou um carregamento de armas para as forças anti-Huerta no México. Quando os soldados mexicanos de Huerta prenderam um grupo de marinheiros americanos na cidade portuária de Tampico, em abril, Wilson reagiu ordenando o bombardeio e a ocupação parcial da cidade de Veracruz — ocupação que duraria até novembro.⁴ Huerta renunciou à presidência sob pressão de forças internas e externas ao México, e Carranza despontou como o candidato mais provável para a liderança do país.⁵

No entanto, nem mesmo a queda de Huerta satisfaz totalmente o Presidente Wilson, que não reconheceu formalmente Carranza como o novo líder do México.⁶ Villa e Zapata se voltaram quase que imediatamente contra Carranza, o que levou a uma guerra civil generalizada e ao período mais violento da Revolução Mexicana. Wilson, desejoso de um governo de coalizão no México para prevenir que um único ator exercesse demasiado poder, não ofereceu forte apoio nem oposição contra ninguém no conflito. A ocupação de Veracruz e as objeções insignificantes de Wilson provocaram o antagonismo do povo mexicano e seus líderes, ajudando a preparar o

terreno para uma série de disputas violentas ao longo da fronteira entre o México e os Estados Unidos.⁷

O Plano de San Diego

Nem o domínio relativamente estável de Diaz conseguiu ocultar o descontentamento entre a população ao longo da fronteira entre os Estados Unidos e o México. Os conflitos entre os dois países envolveram mais que a política no âmbito nacional. A fronteira em mutação significava que americanos e mexicanos com prioridades, lealdades e preconceitos diferentes se encontravam vivendo lado a lado. Embora o número de mexicanos e mexicano-americanos ultrapassasse o de anglo-americanos nos dois lados da fronteira, estes dominavam o cenário político e econômico. Os mexicanos e mexicano-americanos nessas regiões fronteiriças enfrentaram a difícil questão de como lidar com as instituições e a cultura de seus novos vizinhos. Como escreveu um historiador, adotaram “quatro táticas básicas: retirada, acomodação, assimilação e resistência”.⁸ A maioria retirou-se, acomodou-se ou assimilou-se, mas outros resistiram e alguns resistiram com violência. Em consequência, o século XIX e início do século XX assistiram à deflagração de inúmeros conflitos ao longo da fronteira e nos estados fronteiriços.⁹

A Revolução Mexicana agravou a situação. A instabilidade ao longo da fronteira, especialmente na área do Baixo Rio Grande, abriu as portas para que infratores da lei se engajassem em atividades criminosas, em particular o roubo de

... o Plano de San Diego... exigia a recuperação do sudoeste dos Estados Unidos para o México por meio de uma guerra racial...

gado. Durante a primeira metade de 1915, as incursões e ataques a fazendas em toda a fronteira aumentaram drasticamente.¹⁰ Contudo, havia algo mais ocorrendo do que apenas banditismo.

Em janeiro, um grupo de mexicanos e mexicano-americanos arquitetou o Plano de



O General Francisco “Pancho” Villa com seu estado-maior, 1913. Villa, o quarto da esquerda para a direita, está ladeado à direita pelo General Rodolfo Fierro, o chefe do estado-maior de Villa. O General Ortega e o Coronel Medina estão à esquerda de Villa.

San Diego, assim chamado porque se originou supostamente na cidade de San Diego, no Texas (embora seja mais provável que tenha vindo de Monterrey, no México). O plano exigia a recuperação do sudoeste dos Estados Unidos para o México por meio de uma guerra racial, prometendo que “todo americano acima de 16 anos de idade será executado e apenas os idosos, mulheres e crianças serão respeitados; e os traidores da nossa raça de maneira nenhuma serão poupados ou respeitados”. Os mexicanos e os mexicano-americanos não seriam os únicos na luta — o plano contava com uma aliança com índios, afro-americanos e japoneses. Uma vez que os revolucionários conseguissem a vitória, estabeleceriam uma nova república independente e providenciariam a criação de uma república separada para os negros que participassem.¹¹

Os criadores da conspiração tiveram pouco sucesso no início de 1915 e seus seguidores levaram meses para se organizar. Dois cidadãos americanos da área de Brownsville, Texas, Luis de La Rosa e Aniceto Pizaña, desempenharam o papel-chave de colocar o plano em ação. No início do verão de 1915, foram ao México e começaram a recrutar combatentes. Organizaram recrutas, muitos dos quais tinham lutado para Carranza no passado, em unidades de 25 a 100 homens e, em julho de 1915, começaram a lançar ataques. A princípio, parecia que as incursões eram uma continuação do antigo banditismo local. Como tal, o novo comandante do Departamento do Sul,

o General Frederick Funston, acreditava que a responsabilidade de policiar os bandidos pertencia às autoridades locais, não ao Exército.¹²

A natureza das incursões e dos assaltantes indicava a razão pela qual Funston podia estar tão confuso. Os ataques se misturavam com atividades criminosas, e não estava claro quem era responsável por qualquer uma delas. A instabilidade do México significava que os líderes que controlavam as regiões fronteiriças — Carranza no nordeste do México e Villa no noroeste — eram responsáveis apenas nominalmente. Os carrancistas ao longo da fronteira com o Texas estavam sob o controle mais direto do General Emiliano Nafarrate, que não era particularmente leal a Carranza. Alguns dos bandidos eram cidadãos mexicanos que moravam tanto no México quanto nos Estados Unidos; outros eram mexicano-americanos que moravam nos dois lados da fronteira. Alguns eram motivados por vingança contra o preconceito dos anglos nos Estados Unidos. Outros agiam sob as ordens de oficiais carrancistas no México. Alguns deles eram simplesmente ladrões que queriam lucrar com o caos. O historiador James Sandos advertiu corretamente contra atribuir a responsabilidade total a qualquer grupo pelos ataques:

O plano começou com os seguidores de Huerta, depois foi assumido pelos alemães, que mais tarde compartilharam seu controle com Carranza. Contudo, esse ponto deve ser salientado — os apoiadores não fizeram o plano funcionar; serviram somente como um catalisador. A instabilidade e o desagrado da vida na fronteira proporcionaram ao Plano uma existência semi-independente e os apoiadores aproveitaram essa situação para fornecer apoio.¹³

Como resultado dessa confusão, levou algum tempo até que os oficiais federais e militares reconhecessem a profundidade do problema.

As incursões aumentaram com frequência e intensidade no mês de julho. Como um historiador escreveu, “os seguidores [do Plano de San Diego] atacaram anglos; atacaram símbolos de mudança no vale como equipamentos associados com a ferrovia, telégrafo, automóveis e irrigação; e tomaram medidas de represália contra os mexicanos e texanos que ajudaram os americanos”.¹⁴ Em 4 de julho de 1915, aproximadamente 40 bandidos mexicanos

entraram nos Estados Unidos e mataram 2 homens durante uma incursão a uma fazenda perto de Lyford, Texas.¹⁵ Em 9 de julho, um capataz de uma grande fazenda matou um bandido durante um ataque.¹⁶ O historiador Charles Cumberland descreveu o que ocorreu depois:

Na semana seguinte, outra incursão nas cercanias esvaziou uma loja rural e uma agência de correio; em 17 de julho, saqueadores mataram um jovem perto de Raymondville; e naquela mesma noite, um grupo de representantes da lei travou uma batalha campal contra outro bando. Oito dias mais tarde, ao sul de Sebastian, aproximadamente 30 assaltantes queimaram uma ponte; em 31 de julho, o Rancho de los Indios sofreu a morte de um empregado durante uma incursão; em 3 de agosto, atacantes queimaram outra ponte rodoviária; e 3 dias mais tarde, depois de roubar uma loja e pegar armas de indivíduos, um pequeno bando de assaltantes executou deliberadamente 2 homens.¹⁷

Em 3 de agosto, na Fazenda Los Tulitos, 30 km ao norte de Brownsville, soldados do 12º Regimento de Cavalaria travaram uma intensa batalha contra 25 a 50 bandidos, no entanto, os mexicanos escaparam depois do anoitecer.¹⁸ Cinco dias mais tarde, 60 assaltantes atacaram a Fazenda Norias, a 115 km ao norte da fronteira, a qual foi defendida por um grupo de trabalhadores e um pequeno destacamento do 12º Regimento de Cavalaria. Os defensores perseveraram e eliminaram vários mexicanos durante a operação.¹⁹

Com o passar de julho para agosto, os comandantes do Exército e funcionários públicos dos EUA começaram a reconhecer que enfrentavam um problema maior que roubo local de bens e gado.²⁰ O Plano de San Diego, que parecia um delírio fanático apenas uns meses mais cedo, agora dava a impressão de ganhar ímpeto. Os bandidos tinham apoio amplo no México. Os jornais carrancistas por todo o país reimprimiram o texto do plano e encorajaram abertamente os ataques como um sinal da crescente revolução.²¹ O fator mais preocupante era o fato que os bandidos estavam claramente usando o México como um refúgio e área de concentração para as incursões. Durante a incursão da Fazenda Norias, os bandidos seqüestraram um velho de

75 anos, Manuel Rincones, e o forçaram a agir como guia. Após a batalha, Rincones informou às autoridades, incluindo o General Funston, que mais ou menos a metade dos assaltantes tinha vindo do México.²² Em 10 de agosto de 1915, Funston conseguiu compreender o problema, “É impossível para destacamentos de soldados regulares dos Estados Unidos, quando perseguem um determinado bando de fora-da-lei, determinar se todos são residentes nos Estados Unidos ou se todos ou alguns deles são bandos de saqueadores armados, que têm atravessado a fronteira para entrar no território dos Estados Unidos”. Funston acreditou que o Exército deveria desempenhar um papel mais agressivo para deter as incursões: “Esse sendo o caso, julgo que é meu dever continuar a empregar forças militares para perseguir e capturar esses bandidos... qualquer outro rumo faria os soldados praticamente inúteis... e limitaria sua atividade ao serviço de agir como guardas para certos lugares”.²³

Mesmo depois dos comandantes do Exército e dos políticos nacionais reconhecerem a natureza da dificuldade, eles não estavam equipados para reagir. Os comandantes do Exército de todos os níveis ao longo da fronteira sul não tinham tropas suficientes para enfrentar as incursões. O General James Parker, comandante da 1ª Brigada de Cavalaria, sediada no Forte Sam Houston, tinha que distribuir seus três regimentos de cavalaria entre 16 postos ao longo de uma fronteira de 900 milhas (1.500 km). Depois, Parker descreveu sua situação:

Em vista da frente de 900 milhas, eu aleguei jocosamente que tinha a maior brigada do mundo!

Ela era composta de 3 regimentos — o 2º, 3º e 14º Regimentos de Cavalaria.

Cada regimento era composto de 12 esquadrões e um pelotão de metralhadoras, somando aproximadamente 1.000 homens; assim eu tinha mais ou menos 3.000 homens e cavalos. Havia 12 destacamentos ao longo do Rio Grande. Também existiam 30 pequenos campos ou postos avançados de destacamentos de patrulha. Porque há muito calor, poeira e água alcalina na região desértica ao longo do Rio Grande, os homens e cavalos passaram por grande adversidade nesses campos.

Os principais acampamentos eram a alguma distância do rio. Cada um mantinha dois ou três postos avançados de 10 homens perto do rio. Esses postos avançados, por meio de pequenas patrulhas, ficavam em comunicação entre si e com o acampamento principal.²⁴

Apesar desses esforços vigorosos, Parker continuou, “foi difícil prevenir que os bandidos mexicanos penetrassem pela linha de postos avançados”.²⁵

A área específica onde a maioria das incursões do Plano de San Diego ocorreu abrangeu quase 480 km de fronteira, e somente havia 1.100 soldados para patrulhá-la, a maioria deles da infantaria.²⁶ Quando o 26º Regimento de Infantaria chegou a Brownsville, em agosto de 1915, seu comandante, o Coronel Robert Bullard, descobriu que tinha o regimento, mais três esquadrões de cavalaria e duas baterias de artilharia de campanha para proteger uma área que se estendia ao longo de 160 km do Rio Grande e 240 km no norte da fronteira.²⁷ Com os soldados tão dispersos, tudo que podiam fazer

era esperar por notícias de ataques e tentar reagir o mais rápido possível. Os bandidos tinham toda a iniciativa. O desespero de Funston foi evidente num telegrama enviado a Washington D.C. em 30 de agosto:

Caso um levante ocorra, sem tropas suficientes para reprimi-lo, significará o assassinato de centenas de pessoas indefesas, a destruição de milhões de dólares em propriedades e a perda de prestígio. Não podemos permitir que essas coisas ocorram. As medidas que gostaria de tomar são principalmente aquelas de prevenção... Se eu não tiver uma força adequada para emprego instantâneo, um único ato de imprudência de um comandante subordinado, de qualquer lado, pode iniciar uma conflagração que se espalhará ao longo da fronteira inteira e resultará numa crise internacional... Uma análise de meus relatórios e recomendações oficiais mostrará que até agora tenho sido muito conservador com respeito a um pedido de mais tropas, principalmente porque queria

Centro de História Americana, Universidade de Texas - Austin.



A incursão de Las Norias por bandidos: A casa da fazenda Las Norias. (Runyon (Robert) Photograph Collection, RUN00106)

evitar despesas desnecessárias. A hora de economizar já passou, mais tropas devem ser fornecidas apesar das despesas.²⁸

Além de tentar impedir as incursões fronteiriças, o Exército tinha que tratar com as autoridades locais e grupos justiceiros. Durante a histeria que se seguiu às incursões de julho e agosto, os Texas Rangers [policiais estaduais do Texas], a segurança pública local e muitos civis particulares tomaram a responsabilidade para si de utilizar táticas brutais contra qualquer pessoa, geralmente homens mexicano-americanos, que eles percebiam ser bandidos potenciais. O antagonismo racial que ajudou a desencadear a violência foi descrito por um dos primeiros observadores: “De um lado do rio era o slogan ‘Matar os Gringos’; por outro era ‘Matar os *Greasers*’ [expressão pejorativa que significa pessoa oleosa ou suja]”.²⁹

Os Texas Rangers tinham a responsabilidade ostensiva de manter a ordem no estado, mas um governador corrupto e ineficiente atrapalhou a organização. No momento que a situação na fronteira piorou, a força se tornou inexperiente e inepta, e os Rangers até lideraram ataques contra mexicano-americanos. Em agosto, civis no Texas organizaram a Liga da Lei e da Ordem (*Law and Order League*), um dos vários grupos de justiceiros. Esses grupos confiscaram armas e propriedades, ameaçaram mexicano-americanos e espancaram, balearam e enforcaram bandidos suspeitos. Em setembro, um dos grupos baleou e matou 14 mexicano-americanos perto de Donna, Texas, e deixou os corpos enfileirados como uma advertência aos bandidos.³⁰ Em outubro, os justiceiros responderam a uma incursão com o enforcamento ou assassinato a tiros de 10 “mexicanos suspeitos”.³¹ Mesmo estimativas conservadoras avaliam o número de mexicano-americanos mortos acima de 100. Funston estimou que os oficiais estaduais e locais “executaram por enforcamento ou tiros aproximadamente 300 mexicanos suspeitos no lado americano do rio”.³² A violência esvaziou o vale. A metade dos 70.000 residentes no Baixo Rio Grande fugiu por medo de ataques dos bandidos mexicanos ou por represálias dos anglo-americanos.³³ O Exército tinha a responsabilidade de tentar impedir os piores excessos dos justiceiros e a enlouquecida segurança pública local, isso tudo enquanto tentava deter as incursões através da fronteira.

Parecia que tudo estava trabalhando contra os esforços do Exército de apanhar os assaltantes. O terreno tornou difícil o rastreamento dos mexicanos, porque “apesar das grandes extensões de terra limpas para a agricultura comercial, a maioria das áreas das prefeituras de Cameron e Hidalgo tinha uma abundância de chaparral [tipo de

A hora de economizar já passou, mais tropas devem ser fornecidas apesar das despesas.

—Major General Frederick Funston, 1915

vegetação caracterizada por pequenas árvores retorcidas, arbustos e subarbustos], matas de algarobeiras, opúncias [tipo de cacto] e cactos gigantes.”³⁴ Então, em 1915, a administração Wilson proibiu o Exército dos EUA de atravessar a fronteira, mesmo que fosse para proteger os interesses americanos no México ou de perseguir os bandidos que tinham atravessado para os EUA.³⁵ Os historiadores Charles Harris e Louis Sadler explicaram como tal política tornou o terreno até mais favorável aos assaltantes: “O Rio Grande era um rio sinuoso com barrancas cobertas por matagal denso e, na época, o sul do Texas estava passando por uma seca severa; a correnteza do Rio Grande foi muito reduzida e os atacantes podiam ser exigentes na escolha de onde queriam atravessar para o Texas” e, deve ser mencionado, de volta ao México.³⁶

Previsivelmente, a restrição da fronteira frustrou os comandantes do Exército. O predecessor de Funston como comandante do Departamento do Sul, General Bliss, insistiu que a única maneira de assegurar a segurança da fronteira durante a revolução mexicana era ocupar as cidades fronteiriças e criar uma zona de separação entre os países.³⁷ Os oficiais do Exército na fronteira, como o General Parker, expressaram repetidamente seu descontentamento por não terem permissão para perseguir os assaltantes no outro lado do rio.³⁸ Mesmo quando as incursões pioraram em julho de 1915, Funston recebeu um telegrama de Washington que o limitou explicitamente a táticas reativas:

O Departamento de Guerra percebe perfeitamente o caráter indesejável de uma postura militar limitada que é imposta a você de não lhe autorizar atravessar a fronteira mexicana, no caso de ser necessário empregar a força para proteger a vida e bens americanos no lado americano da linha. Contudo, essa limitação é imposta devido à necessidade de reter nas mãos das autoridades em Washington o arbítrio final de autorizar um assunto de tanta importância como uma invasão do território mexicano. Em todas as circunstâncias, a única coisa a fazer é tratar com os fatos quando surgirem.³⁹

Para piorar a situação, mais e mais relatórios informavam que os postos avançados, soldados e até aeronaves americanas eram alvos de tiros pelo lado mexicano do rio, e comandantes do Exército acreditavam que os comandantes carrancistas mexicanos não estavam fazendo nada para parar os ataques.⁴⁰

O Departamento de Guerra forneceu mais soldados a Funston. Antes de setembro, mais da metade das unidades móveis do Exército estava estacionada entre Laredo e Brownsville, no Texas.⁴¹ Mesmo assim, os ataques continuaram a ocorrer. Em 2 de setembro, uma série de assaltos atingiu Brownsville, San Benito e Ojo de Agua. Entre 4 e 6 de setembro, os mexicanos e americanos



O General Frederick N. Funston

mais uma vez, os mexicanos e americanos trocaram tiros pesados por cima do rio, desta vez em Brownsville. Uma semana depois, 80 bandidos atacaram Progresso e travaram uma batalha breve, mas intensa, contra um pequeno destacamento de cavalaria na cidade. Os mexicanos foram repelidos, mas capturaram um dos americanos, Cabo Richard J. Johnston. Em algum ponto durante ou após sua retirada através do rio, os assaltantes mataram Johnston, deceparam

suas orelhas, o decapitaram e colocaram sua cabeça numa lança no lado sul do rio, em local de fácil visão para os americanos.⁴²

As semanas seguintes foram relativamente pacíficas. Então, na noite de 18 de outubro, De La Rosa e seus seguidores realizaram um de seus ataques mais espetaculares, 10 km ao norte de Brownsville, na estação ferroviária Tandy na ferrovia de St. Louis, Brownsville e México. Lá, os bandidos removeram os grampos que seguravam os trilhos e os substituíram por arame. Quando o trem se aproximou, eles puxaram o arame, causando o tombamento da locomotiva. O maquinista morreu no desastre. De La Rosa e seus homens embarcaram no trem, começaram a pilhar e foram atrás dos passageiros anglos. Balearam três soldados, matando um e assassinaram outro passageiro civil. Os assaltantes fugiram do local e conseguiram atravessar o rio antes que o Exército ou qualquer grupo de segurança pública local pudesse apanhá-los.⁴³ Três dias depois, os bandidos atacaram um destacamento de 15 homens do Corpo de Comunicações em Ojo de Agua, perto do Rio Grande. Três americanos e cinco assaltantes morreram durante a luta.

A incursão da estação Tandy e o ataque de Ojo de Agua instigaram Funston a chegar a conclusões mais drásticas. Ele escreveu ao Departamento de Guerra pedindo autorização para atravessar a fronteira na perseguição aos bandidos e permissão de não oferecer concessões aos bandidos durante as batalhas e as perseguições. “Os habitantes americanos da fronteira inferior já chegaram aos limites de paciência em relação às incursões fronteiriças e

Então, em 1915, a administração Wilson proibiu o Exército dos EUA de atravessar a fronteira, mesmo que fosse para proteger os interesses americanos...

trocaram tiros em várias travessias ao longo do Rio Grande. Os bandidos emboscaram uma patrulha do Exército em Los Índios, em 13 de setembro, matando dois americanos. Em 17 de setembro,

não levarão muito mais ultrajes, como o recente tombamento de um trem e o assassinato de seus passageiros indefesos, para incentivá-los a atravessar a fronteira”, escreveu. “Existe apenas uma maneira de acabar com o problema e isso é tornar morte quase certa a participação em um desses ataques.⁴⁴ O Departamento de Guerra, embora compreendesse a situação de Funston, negou esses pedidos, avisando Funston que tais ações produziram mais prejuízo que benefício. O historiador Charles Cumberland resumiu o telegrama do Departamento de Guerra: “O emprego das táticas propostas seria desastroso para a instituição militar; sensacionalistas da imprensa aproveitariam a oportunidade para acusar o Exército de retornar ao barbarismo e, sem importar a validade das acusações ou da necessidade, a reação pública seria amarga”.⁴⁵ As incursões continuadas e o pedido frustrado de Funston deixaram bem claro que, até com milhares de soldados no vale do Baixo Rio Grande, o Exército não poderia trazer a ordem à região fronteiriça.

Outros eventos interromperam os ataques de 1915. Antes do fim de setembro, os americanos começaram a se inclinar para o reconhecimento de Carranza como o líder de fato do México. Vários fatores influenciaram essa tendência. Ficou evidente que Carranza tinha se aproveitado da vantagem nos combates e controlado a maioria dos recursos naturais essenciais do México. O líder mexicano prometeu iniciar algumas reformas democráticas e proteger as vidas americanas e as propriedades dos americanos no México. O Presidente Wilson também desejou uma situação mais estável na fronteira sul para que pudesse focar seus esforços na guerra na Europa. O Secretário de Estado, Robert Lansing, explicou o raciocínio dos americanos em seu diário de 10 de outubro de 1915:

A Alemanha deseja continuar a confusão no México até que os Estados Unidos sejam forçados a intervir; por isso, não devemos intervir.

A Alemanha não quer ter uma única facção dominante no México; por isso, devemos reconhecer uma facção como dominante no México...

Isso se resume assim: Nossas possíveis relações com a Alemanha devem ser nossa

primeira consideração; e toda a nossa interação com o México deve ser controlada de modo correspondente.⁴⁶

O fato de que os alemães agiram repetidamente para manter o México instável proporcionou mais encorajamento à administração Wilson.⁴⁷ Se os Estados Unidos fossem desempenhar um maior papel na I Guerra Mundial, não seria bom ter que se preocupar em combater uma guerra irregular com as forças mexicanas no sudoeste americano. Ao mesmo tempo, Carranza começou a agir para melhorar a situação. No final de setembro, ele substituiu o General Nafarrate e ordenou que oficiais mexicanos fossem duros com os bandidos ao sul da fronteira.⁴⁸

Com essas considerações em mente, a inquietação criada pela insurgência de nível tático indubitavelmente ajudou a instigar Wilson a reconhecer Carranza. Em 19 de outubro de 1915, os americanos lhe deram oficialmente o reconhecimento de fato de “Primeiro Chefe”. Em 24 de outubro, os assaltantes atacaram perto da Estação Tandy. Foi a última incursão do ano. Os oficiais carrancistas foram rigorosos ou subornaram o restante dos seguidores do Plano de San Diego. O fato que Carranza podia eliminar as incursões tão rapidamente indicou que talvez ele não tivesse ordenado os ataques, mas é bem provável que ele os permitisse e os utilizasse em seu benefício.⁴⁹

A resposta do Exército às incursões fronteiriças de 1915 foi no melhor dos casos desorganizada. O General Funston não podia atravessar a fronteira para perseguir os bandidos e não podia controlar as autoridades locais e os justiceiros. A presença da maioria dos soldados americanos na fronteira não impediu as incursões e a sugestão de Funston que ao Exército fosse proporcionada a liberdade de ação para tratar com os bandidos somente indicou a profundidade de sua frustração. Embora os ataques de 1915 tivessem sido mais frequentes no Baixo Rio Grande, isso não significou que o resto da fronteira estivesse controlada. Várias vezes durante o ano, os bandidos mexicanos executaram incursões em todos os estados na fronteira.⁵⁰ Esses ataques em 1915 tornaram os políticos nacionais e os oficiais do Exército bem conscientes do problema da instabilidade na fronteira. Quando o assunto veio à tona mais uma vez no ano seguinte, suas experiências os levaram

O General Funston não podia atravessar a fronteira para perseguir ... A presença da maioria dos soldados americanos na fronteira não impediu as incursões...

a tentar uma nova solução para o problema, que conduziu a mais violência e ao potencial de uma guerra geral.

A Incursão Columbus e as Expedições Punitivas

Quando os Estados Unidos decidiram reconhecer Carranza, a sorte de Pancho Villa já tinha mudado há muito tempo. Uma série de derrotas militares pelas mãos das forças carrancistas reduzira seu exército a um grupo esfarrapado e desmoralizado. No entanto, a base de apoio de Villa sempre foi no norte, e ele supunha ser invencível nos estados de Chihuahua e Sonora, no Norte. Essa confiança o levou a atacar os soldados carrancistas em Aqua Prieta em novembro de 1915. Ele ignorava completamente que os americanos tinham permitido a alguns milhares de soldados carrancistas a liberdade de movimento pelo sul do Texas, Novo México e Arizona para que pudessem reforçar o posto avançado cercado. Os homens de Villa caíram

numa chuva de balas. A batalha em Aqua Prieta e a campanha subsequente espalharam os sobreviventes do exército de Villa e o forçaram a retornar à guerra de guerrilhas.⁵¹

Até os eventos no verão e no outono de 1915, Villa tentou manter relações positivas com os Estados Unidos, mas essa atitude mudou dramaticamente depois de Aqua Prieta.⁵² No entanto, a motivação específica para a incursão em Columbus, Novo México, nunca ficou completamente clara — nem o papel de Villa no planejamento e execução do ataque.⁵³ O que é claro é que, em 9 de março de 1916, Villa liderou uma força de quase 500 homens durante um ataque a uma pequena cidade e seu posto avançado do Exército dos EUA, guarnecido pelo 13º Regimento de Cavalaria. Os villistas pegaram a cidade de surpresa, mas os soldados americanos se recuperaram e se defenderam rapidamente. Os mexicanos se retiraram para o outro lado da fronteira. Dezessete americanos e mais de 100 mexicanos morreram durante a incursão.⁵⁴

A indignação dos civis e os instintos naturais sugeriram que era necessário que o próprio Villa fosse levado à justiça pelo ataque. As declarações públicas da administração Wilson indicaram o mesmo quando promulgaram que iam enviar o General John J. Pershing numa expedição “punitiva” com a missão de capturar ou eliminar Villa.⁵⁵ Contudo, para o Exército, a incursão de Columbus e a expedição punitiva eram, em grande parte, uma continuação dos ataques anteriores ao longo da fronteira, e por isso, qualquer resposta tinha que ser concentrada na segurança da fronteira. O desdobramento de mais soldados na região fronteira e a reação às incursões, que não tinham funcionado no ano anterior, tomaram então um enfoque mais direto.

Após a incursão de Columbus, o Secretário de Guerra, Newton Baker, visitou o Chefe do Estado-

...em 9 de março de 1916, Villa liderou uma força de quase 500 homens durante um ataque a uma pequena cidade e seu posto avançado do Exército dos EUA...

Foto intitulada “Acampamento perto de San Antonio, México, com a 6ª Infantaria”. Os carrancistas passaram por lá rumo a diferentes pontos ao longo da ferrovia, em busca de Villa e seus homens, 1916.

Maior do Exército, General Hugh Scott, para pedir “uma expedição ao México para apanhar Villa”. Scott replicou, “Senhor Secretário, você quer que os Estados Unidos declarem guerra contra um único homem: Suponha que ele pegue um trem e vá à Guatemala, Yucatán ou América do Sul; você ainda vai atrás dele?” O general convenceu Baker que um objetivo mais realista e útil seria capturar ou destruir o bando de Villa.⁵⁶ O General Funston chegou a uma conclusão similar sobre o que tinha que ser feito para responder ao incidente de Columbus: “A não ser que Villa seja perseguido sem parar e suas forças dispersadas, ele continuará as incursões... se desperdiçarmos o comando inteiro guarnecendo cidades, fazendas e ferrovias, não conquistaremos nada se ele puder conseguir refúgio seguro no outro lado da linha após cada incursão”.⁵⁷

As ordens de março de 1916 do Departamento de Guerra a Funston confirmaram as preocupações do Exército:

Você organizará imediatamente uma força militar adequada de soldados de seu departamento, sob o comando do General John J. Pershing, e lhe instruirá a prosseguir rapidamente através da fronteira para perseguir o bando mexicano que atacou a cidade de Columbus, Novo México, e os soldados na manhã do dia 9... Em qualquer caso, o trabalho desses soldados será considerado terminado logo que o bando ou bandos de Villa forem declarados desmantelados.⁵⁸

Três dias mais tarde, o Departamento de Guerra repetiu as ordens a Funston para evitar qualquer confusão: “O Presidente deseja que você coloque toda a sua atenção, propósito e determinação para que a expedição ao México seja limitada aos fins declarados originalmente, ou seja, a perseguição e dispersão do bando ou bandos que atacaram Columbus, Novo México”.⁵⁹

O Departamento de Guerra fez mais que ordenar a expedição punitiva. A incursão de Villa proporcionou ao Exército a oportunidade de aumentar suas táticas ao longo da fronteira inteira, e o Exército queria tirar proveito dessa chance. As ordens de 10 de março a Funston continuaram:

Você instruirá os comandantes de seus soldados na fronteira oposta aos estados de Chihuahua e Sonora, ou nas proximidades,

dentro da possível área de operações de Villa, e na qual não existe o controle da força do governo de fato, que estão autorizados a empregar as mesmas táticas de defesa e de perseguição, no caso de incursões semelhantes, do outro lado da fronteira e dentro dos Estados Unidos.⁶⁰

A militarização da região fronteira degenerou em um conflito direto. Os soldados americanos estavam atravessando a fronteira para executar suas próprias incursões.

Em 15 de março, Pershing liderou milhares de soldados americanos ao México, iniciando uma campanha que o levaria centenas de milhas pelo estado de Chihuahua para perseguir Villa e seu bando.⁶¹ No entanto, a incursão de Pershing não foi a única no outro lado da fronteira em 1916. Conforme as tropas americanas perseguiram Villa pelas zonas rurais mexicanas, a questão de segurança da fronteira se tornava mais proeminente nas mentes dos americanos. Eles tinham razão para ficar preocupados. De La Rosa, um dos líderes do Plano de San Diego, acreditou que o problema com Villa lhe proporcionou uma oportunidade de renovar seus esforços, então, começou a reconstituir sua força. Ele e vários outros líderes mexicanos reorganizaram a ala militar do Plano de San Diego. Por um tempo, essa força trabalhou com elementos do governo de Carranza para ameaçar os Estados Unidos com uma invasão, como um método de empurrar



Soldados americanos guardam alguns dos bandidos de Villa, que foram detidos nas montanhas do México, em 27 de abril de 1916, em um campo perto de Namiquipa, México.

para fora a força de Pershing. Por último, o governo mexicano decidiu não sustentar esse esforço, mas isso não impediu uma renovação das incursões.⁶²

...“a pequena expedição punitiva”, viajou mais de 160 km no interior do México, não sofreu baixas, dispersou os bandidos, resgatou os cativos e até recuperou uma parte dos bens roubados.

Em 05 de maio de 1916, um grupo de aproximadamente 80 homens assaltou as cidades de Glenn Springs e Boquillas, no Texas, destruindo bens e seqüestrando dois americanos. Funston identificou rapidamente a ameaça como esforços renovados dos proponentes do Plano de San Diego e se preocupou sobre a reação da população civil: “Acredito que devo afirmar francamente que o reinício dessas incursões, caracterizadas pelas crueldades selvagens e barbaridades das incursões nas áreas baixas do último outono, despertará a ira do povo daquela região e ocasionará que atravessem a fronteira em grande número, apesar dos desejos do Governo, e tomem uma atitude drástica”.⁶³ Como tinham feito no ano anterior, os comandantes do Exército pediram mais soldados para impedir as incursões e deter os justiceiros. Depois da incursão de Glenn Springs, os Generais Funston e Scott enviaram um telegrama ao Departamento de Guerra:

Aguardamos muitos ataques ao longo da fronteira inteira, semelhantes ao último ataque na região conhecida como A Grande Curva do Rio Grande.

Nossa linha é fina e fraca em todos os lugares e inadequada para proteger a fronteira em qualquer lugar se atacada com vigor... acreditamos que a fronteira deve ser imediatamente reforçada com pelo menos mais 150.000 homens... Para proporcionar alguma proteção adicional aos pontos fronteiriços expostos às incursões, é recomendado que as milícias do Texas, Novo México e Arizona sejam desdobradas imediatamente.⁶⁴

A administração Wilson consentiu, enviando uma grande parte do Exército Regular ao sudoeste e federalizando as guardas nacionais do Arizona, Novo México e Texas em 9 de maio de 1916.⁶⁵

Porém, em 1916, os Estados Unidos fizeram mais que enviar tropas adicionais para a fronteira. Para a grande surpresa dos bandidos que atacaram Glenn Springs e Boquillas, a retirada para o outro lado do Rio Grande não lhes proporcionou refúgio. O Major George T. Langhorne, dirigindo seu próprio Cadillac, liderou cinco companhias dos 8º e 14º Regimentos de Cavalaria na perseguição inicial através da fronteira, declarando “Estou livre da burocracia e não conheço nenhum Rio Grande”.⁶⁶ Alguns dias depois, o Coronel Frederick W. Sibley liderou outra unidade na caça aos assaltantes de Glenn Springs. A força de Sibley e Langhorne, apelidada por alguns como “a pequena expedição punitiva”, viajou mais de 160 km no interior do México, não sofreu baixas, dispersou os bandidos, resgatou os cativos e até recuperou uma parte dos bens roubados.⁶⁷

Quando um grupo de mexicanos tentou queimar as pontes acima de Laredo, na noite de 11 de junho, as forças americanas os rastream no outro lado do rio e eliminaram três deles, incluindo o líder.⁶⁸ Da mesma forma, um ataque contra uma unidade do Exército em San Ignacio, no Texas, na noite de 15 de junho, levou a um duelo de tiros que resultou na eliminação de oito bandidos, “e os restantes perseguidos enquanto procuraram o santuário do território mexicano”.⁶⁹ Um desenrolar dos fatos similar ocorreu em meados de junho, quando um grupo de mexicanos atacou perto de San Benito, no Texas. Dessa vez, o Coronel Robert Bullard liderou um grupo misto de cavalaria e infantaria, em automóveis, para o outro lado da fronteira e dispersou os assaltantes.⁷⁰

A situação tinha se tornado tão tensa que, em 18 de junho, a administração Wilson federalizou o resto das unidades da Guarda Nacional do país e as enviou para a fronteira.⁷¹ Em consequência da falta de treinamento e de preparação desses novos soldados, muitos dos oficiais regulares acreditavam que eles reduziram a eficácia da missão de segurança na fronteira e tornaram quase impossível o lançamento de mais incursões

no México.⁷² Enquanto essas unidades da Guarda Nacional se preparavam para a batalha, alguns dos comandantes na fronteira acreditavam que tinham a chance de lançar uma grande campanha no México e eliminar as incursões de uma vez por todas. Funston sugeriu a seus superiores que a única maneira de realmente parar as incursões seria ter o Exército movendo-se para o sul da fronteira em grande número, para criar uma zona de separação ocupando “pontos estratégicos”.⁷³

No entanto, logo que o adestramento começou a se consolidar, as ordens de cima chegaram proibindo as forças americanas de atravessar a fronteira.⁷⁴ A administração Wilson mais uma vez se encontrou questionando quanto tempo, energia e recursos desejaria gastar no México com uma guerra ocorrendo na Europa. Da mesma forma, Carranza realmente não queria arriscar uma guerra geral contra os Estados Unidos, que poderia resultar na sua remoção do poder. Como Wilson começou a limitar as reações do Exército às incursões, Carranza começou a ser linha dura com os assaltantes em seu lado do rio. Ele mandou seus comandantes na fronteira cooperarem com os americanos para impedir as incursões. Um bom exemplo desses novos esforços podia ser visto no período seguinte à incursão de San Benito. Após a retirada de Bullard e dos americanos, o comandante mexicano da região, General Alfredo Ricaut, perseguiu os bandidos, finalmente capturando 40 homens. Com seu plano arruinado, De La Rosa foi para Monterrey. Lá, as autoridades o prenderam em um tipo de confinamento domiciliar, mas se recusaram a entregá-lo aos Estados Unidos.⁷⁵ Contudo, antes de julho, o Plano de San Diego estava morto.

O assunto de segurança da fronteira dominou as discussões diplomáticas entre os Estados Unidos e o México, tanto que a retirada da expedição punitiva tornou-se uma condicionante na estabilização da fronteira. Em julho de 1916, o Secretário de Estado Lansing propôs uma comissão de paz combinada mexicano-americana para resolver os problemas mexicanos. A missão da comissão deveria chegar a acordos numa variedade de assuntos, mas entre eles, a segurança e a estabilidade na fronteira tinham a prioridade.⁷⁶ De fato, a comissão se reuniu pela

primeira vez em setembro de 1916 e consumiu os quatro meses e meio seguintes manobrando sobre questões de passagem pela fronteira, perseguição ativa e cooperação mexicano-americana na segurança fronteiriça.⁷⁷ Foi nesse contexto, quando as forças de Pershing se retiraram finalmente em janeiro de 1917, sem capturar ou eliminar Villa, que os americanos reivindicaram que a expedição foi um sucesso. O Secretário de Guerra, Newton Baker, escreveu em seu relatório anual de 1917:

Em nenhum sentido a expedição foi punitiva, ao invés disso foi defensiva. Seu objetivo, claro, foi a captura de Villa, se isso pudesse ser cumprido, mas seu intento verdadeiro foi a extensão do poder dos Estados Unidos em um país perturbado, fora de controle das autoridades constituídas da República do México, como um meio de controlar as agregações sem lei dos bandidos e de prevenir ataques por eles através da fronteira internacional. Este fim foi inteira e definitivamente cumprido.⁷⁸

O Chefe do Estado-Maior, General Hugh Scott, concordou, “Pelo ponto de vista do Departamento de Guerra, Pershing teve sucesso completo no cumprimento de suas ordens, mas o Departamento de Estado, ao disseminar informações errôneas, estragou o efeito nas mentes do público”.⁷⁹

Talvez esta insistência pós-expedição que a missão sempre foi para realizar a segurança na fronteira tenha sido simplesmente uma justificativa por não terem capturado Villa. Com certeza, Pershing acreditava que poderia ter feito mais se a administração Wilson tivesse lhe proporcionado mais liberdade de ação.⁸⁰ Contudo, devido às disputas fronteiriças de 1915 e 1916 e à correspondência dos comandantes do Exército na campanha, pode haver pouca dúvida que eles consideravam a perseguição aos bandidos mexicanos através do Rio Grande como uma tática essencial para o esforço de manter a segurança na fronteira americana. Essa tática quase levou a uma guerra geral.

Conclusões

Logo depois, as incursões trans-fronteiriças diminuíram gradualmente e a situação se estabilizou. Algumas unidades do Exército

permaneceram no Departamento do Sul — que foi renomeado como a Área do VIII Corpo, em 1920 — mas a maioria delas retornou a seus postos pelos Estados Unidos. As décadas seguintes presenciaram tensões renovadas ao longo da fronteira, de vez em quando, mas nada chegou aos níveis da década de 1910. Os Estados Unidos e o México resolveram a maioria das disputas fronteiriças restantes do século XX por tratados. No entanto, durante o tempo na década de 1910, quando o Exército desempenhou um papel-chave na tentativa de proporcionar estabilidade e segurança ao longo da fronteira, a situação tornou-se desordenada e quase degenerou em guerra.

Obviamente, a situação atual ao longo da fronteira mexicano-americana está longe dos dias violentos e sombrios dos anos 1910. Não existe nenhum equivalente contemporâneo ao Plano de San Diego e o governo mexicano é bem mais estável do que era durante a revolução. No entanto, existem comparações importantes e as circunstâncias na fronteira são tão complexas hoje como eram há 90 anos. Em particular, antes da década de 80, dois problemas tinham surgido: a imigração ilegal e o transporte trans-fronteiriço de drogas ilícitas. Cada ano, milhões de mexicanos atravessam a fronteira usando um sistema bem-desenvolvido para

evitar as patrulhas americanas da fronteira. Ao mesmo tempo, e semelhante aos ladrões de gado trans-fronteiriços dos anos 1910, os traficantes de drogas usam esse intercâmbio caótico da humanidade e a longa e relativamente aberta fronteira para enviar uma onda de narcóticos da América Central e do Sul para os Estados Unidos. A responsabilidade principal pela segurança fronteiriça está nas mãos da Polícia da Fronteira (*Border Patrol*), sob o comando da Agência de Imigração e Naturalização. Como o Exército nos anos 1910, ela está com baixo contingente, sem agentes suficientes para cobrir todos os quilômetros da fronteira.

Além disso, da mesma forma como na década de 1910, aqueles responsáveis pela segurança na fronteira têm que considerar as complicadas políticas étnicas e as considerações diplomáticas em nível nacional. Com ou sem razão, alguns grupos de defesa mexicano-americanos e ativistas de direitos humanos se ressentem das políticas que parecem visar específicos grupos étnicos para exclusão dos Estados Unidos. Os líderes nacionais, estaduais e locais que dependem de votos desses grupos hesitam em adotar posições rígidas sobre a segurança da fronteira.

Durante a década de 1990, os Estados Unidos, Canadá e México se uniram no Tratado de Livre Comércio da América do Norte, o qual abriu ainda mais as fronteiras dentro da América do Norte para o comércio e tornou muito mais difícil a exclusão dos imigrantes ilegais e ilícitos narcóticos. Como resultado dessas tendências, os agentes da Polícia da Fronteira tinham que seguir regras de engajamento altamente circunscritas para impedir explosões de violência, que poderiam transtornar o delicado equilíbrio político.⁸¹

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 complicaram esse já tendencioso assunto. Todos os terroristas tinham vindo do exterior, e embora nenhum deles atravessasse a fronteira sulista, não foi difícil imaginar que os terroristas poderiam eventualmente tentar se esconder no constante fluxo de tráfico ilegal do México. Por essa razão, um número de cidadãos particulares se



SGT Jim Greenhill, Exército dos EUA

O General Steven Blum, Chefe da Agência da Guarda Nacional, fala com agentes da Polícia da Fronteira durante uma visita à fronteira mexicano-americana, perto de Columbus, Novo México, em 29 de novembro de 2006.

juntou para ajudar as autoridades a resistirem à imigração ilegal. Autodenominando-se “o Corpo de Defesa Civil Minutemen” (*Minutemen Civil Defense Corps*), eles estabeleceram postos de observação ao longo da fronteira para denunciar sinais de atividades ilegais trans-fronteiriças à Polícia da Fronteira. Até agora, não se engajaram em nenhum ato conhecido de violência, não obstante tenham assumido a aparência de um grupo de justiceiros antiimigrantistas.⁸²

Durante o verão de 2006, a pressão para resolver o problema da fronteira sul levou ao desdobramento de 6.000 soldados da Guarda Nacional como parte da Operação *Jump Start* — uma missão planejada para apoiar as autoridades existentes na fronteira, enquanto a Polícia da Fronteira recrutava milhares de novos agentes para fazer a segurança com seus próprios meios. Os líderes políticos e militares americanos deixaram claro que sua intenção não foi militarizar a fronteira, ou invadir o México, e os soldados operaram sob ordens estritas de observar e comunicar, mas não engajar com a imigração ilegal ou o contrabando de narcóticos.⁸³

Então, qual parte dessa situação é a maior área de preocupação para as Forças Armadas? Como nos anos 1910: a escalada. A região fronteira é povoada com indivíduos de uma variedade de nacionalidades e com lealdades nacionais distintas, e essas lealdades podem alimentar emoções intensas. As autoridades locais têm suas próprias agendas, que podem ser de objetivos contrários às preocupações do governo nacional, e grupos voluntários de imposição da lei ou de justiceiros podem decidir agir além das políticas oficiais locais. A presença de fronteiras internacionais significa que as autoridades locais devem trabalhar com diplomatas de nível nacional para encontrar soluções para as disputas. O perigo somente cresce quando as forças armadas se desdobram na área.

No final dos anos 1980 e no início da década de 1990, as forças militares na fronteira, em apoio à guerra contra as drogas, se envolveram em alguns incidentes de notoriedade quando empregaram a força contra ameaças percebidas e reais. Durante um caso de identidade errônea e de intenções mal interpretadas, uma patrulha de fuzileiros navais matou um civil americano.⁸⁴

Desde o desdobramento na fronteira de 2006, as unidades da Guarda Nacional tiveram que suspender fogo em várias ocasiões, inclusive quando um grupo de bandidos armados invadiu um posto avançado militar no início de 2007.⁸⁵ Ao mesmo tempo, tem havido um aumento significativo da violência dirigida contra os agentes da Polícia da Fronteira — os homens e mulheres com quem as forças militares trabalham todos os dias.⁸⁶

As forças militares americanas, mesmo a força mais ágil e variada de hoje, ainda é um instrumento de guerra. Sua inclinação natural é o emprego de força e é irrealista esperar que as forças militares treinadas resistam para sempre ao desejo de combater para defender a si próprios e seus amigos.⁸⁷ Também não é provável que os líderes estaduais e nacionais possam ou vão permitir que seus subordinados sejam atacados eternamente sem permitir algum tipo de resposta. Quando as forças militares são envolvidas, existe a grande tentação de empregar a força, como todos descobriram nos anos de 1910. Contudo, como todos também descobriram naquela década turbulenta, o emprego de força ao longo da fronteira pode ter efeitos dramáticos e muito negativos.

O que fazer? A decisão de se restringir à Guarda Nacional tem, de modo geral, contribuído para evitar uma escalada na fronteira, em curto prazo. No entanto, baseia-se num aumento decisivo de agentes da Polícia da Fronteira no futuro próximo. Se isso ocorrer, as forças militares podem se retirar. Contudo, se isso não acontecer, e a probabilidade parece duvidosa, os legisladores americanos têm que tomar uma decisão.⁸⁸ As forças militares têm que ser autorizadas a fazer cumprir a segurança na fronteira por quaisquer meios disponíveis, os quais, com efeito, militarizarão a fronteira, ou as forças militares têm que ser retiradas para permitir que a Polícia da Fronteira, com baixo efetivo, e as autoridades locais enfrentem o trabalho. A presença militar sem dentes na fronteira não pode durar para sempre. As forças militares dos EUA já estão suficientemente ocupadas travando as guerras convencionais e não-convencionais da nação; não podem e não devem se tornar uma permanente associação de vigilância de bairro na fronteira sul. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Sobre a Revolução Mexicana, veja QUIRK, Robert E., *The Mexican Revolution, 1914-1915* (Nova York: W.W. Norton, 1960); e KNIGHT, Alan, *The Mexican Revolution*, 2 vols. (Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1986).
2. WILSON, John B., *Maneuver and Firepower: The Evolution of Divisions and Separate Brigades* (Washington, DC: U.S. Army Center of Military History, 1998), pp. 29-34.
3. Departamento de Guerra, Ordens Gerais Nº. 9, 6 de fevereiro de 1913; WILSON, *Maneuver and Firepower*, pp. 31-34.
4. QUIRK, Robert E., *An Affair of Honor: Woodrow Wilson and the Occupation of Veracruz* (Nova York: W.W. Norton, 1962); CALHOUN, Frederick S., *Power and Principle: Armed Intervention in Wilsonian Foreign Policy* (Ohio: Kent State University Press, 1986), pp. 34-51.
5. Huerta fugiu para a Europa e depois tentou retornar ao México através dos Estados Unidos. Ele fracassou nos seus esforços e faleceu de doenças em 1916. O nome do cargo de Carranza neste tempo era "Primeiro Chefe dos Constitucionalistas". RAUSCH, George J., "The Exile and Death of Victoriano Huerta," *Hispanic American Historical Review*, 42 (maio de 1962): pp. 133-51; e GERLACH, Allen, "Conditions Along the Border—1915: The Plan of San Diego," *New Mexico Historical Review*, 43 (July 1968), pp. 195-98.
6. Uma vez, Wilson descreveu Carranza como "difícil e tendo uma cabeça como um porco [obstinado]." Citado em CLEMENTS, Kendrick A., "Woodrow Wilson's Mexican Policy, 1913-15," *Diplomatic History*, 4 (Primavera de 1980): p. 133. Mais evidência da ambivalência de Wilson para com a liderança mexicana pode ser encontrada na sua declaração pública de 2 de junho de 1915 em *Foreign Relations of the United States [FRUS]—1915* (Washington DC: GPO, 1924), pp. 694-695.
7. Sobre a diplomacia entre os Estados Unidos e o México durante este período, veja SMITH, Robert Freeman, *The United States and Revolutionary Nationalism in Mexico, 1916-1932* (Chicago: University of Chicago Press, 1972), pp. 1-42; HALEY, P. Edward, *Revolution and Intervention: The Diplomacy of Taft and Wilson with Mexico, 1910-1917* (Cambridge, Mass: MIT Press, 1970); LINK, Arthur S., *Woodrow Wilson and the Progressive Era* (New York: Harper and Brothers, 1954), pp. 107-32; LINK, Arthur S., *Woodrow Wilson: The Struggle for Neutrality, 1914-1915* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1960), pp. 232-66, 456-94; CLEMENTS, "Woodrow Wilson's Mexican Policy," pp. 113-36; KATZ, Friedrich, *The Secret War in Mexico: Europe, The United States, and the Mexican Revolution* (Chico: University of Chicago Press, 1981), pp. 3-300; e KATZ, Friedrich, *The Life and Times of Pancho Villa* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1998), pp. 501-02.
8. ROSENBAUM, Robert J., *Mexicano Resistance in the Southwest* (Austin: University of Texas Press, 1981), p. 14.
9. A maioria dos estudos sobre mexicano-americanos nos estados fronteiriços tende a enfatizar a discriminação racial por parte dos anglo-americanos como um aspecto-chave no estímulo à resistência violenta por parte dos mexicano-americanos, incluindo o "Plano de San Diego". Para um exemplo, veja *Ibid.*, pp. 18-157; GOMEZ-Q, Juan, "Plan of San Diego Reviewed," em *Chicano: The Evolution of a People*, ed. Renato Rosaldo, et al. (Minneapolis: Winston Press, 1973), pp. 123-27; e MONTEJANO, David, *Anglos and Mexicans in the Making of Texas, 1836-1986* (Austin: University of Texas Press, 1987), pp. 117-25. Para uma discussão sobre o papel de afro-americanos nos assuntos raciais da fronteira durante a Revolução Mexicana, veja LEIKER, James N., *Racial Borders: Black Soldiers Along the Rio Grande* (College Station: Texas A&M University Press, 2002), pp. 146-71.
10. HARRIS, Charles H. e SADLER, Louis R., *The Texas Rangers and the Mexican Revolution: The Bloodiest Decade, 1910-1920* (Albuquerque: University of New Mexico Press, 2004), p. 196.
11. Reproduções e descrições do plano podem ser encontradas em muitos lugares. SANDOS, James A., *Rebellion in the Borderlands: Anarchism and the Plan of San Diego, 1901-1923* (Norman: University of Oklahoma Press, 1992), pp. 79-84; COERVER, Don M. e HALL, Linda B., *Texas and the Mexican Revolution* (San Antonio, TX: Trinity University Press, 1984), pp. 85-7; HARRIS, Charles H. e SADLER, Louis R., "The Plan of San Diego and the Mexican-United States War Crisis of 1916: A Reexamination," *Hispanic American Historical Review*, 58 (Agosto de 1978): pp. 381-408; HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, pp. 210-21; SANDOS, James A., "The Plan of San Diego: War and Diplomacy on the Texas Border, 1915-1916," *Arizona and the West*, 14 (Primavera de 1972): pp. 5-24; HAGER, William M., "The Plan of San Diego: Unrest on the Texas Border in 1915," *Arizona and the West*, 5 (Inverno de 1963): pp. 327-36. Allen Gerlach sustenta que o plano foi parte de uma tentativa maior de retornar Huerta ao poder em "Conditions Along the Border," pp. 198-99.
12. CLENDENEN, Clarence C., *Blood on the Border: The United States Army and the Mexican Irregulars* (Londres: Macmillan, 1969), pp. 180-81.
13. SANDOS, "Plan of San Diego," p. 10, nota de rodapé 9.
14. SANDOS, *Rebellion in the Borderlands*, p. 188, nota de rodapé 37.
15. *Ibid.*, pp. 87-94.
16. HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, p. 250.
17. CUMBERLAND, Charles C., "Border Raids in the Lower Rio Grande Valley—1915," *Southwestern Historical Quarterly*, 57 (Janeiro de 1954), pp. 291-92.
18. HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, p. 261.
19. *Ibid.*, pp. 263-67; SANDOS, *Rebellion in the Borderlands*, pp. 90-1.
20. CUMBERLAND, "Border Raids," pp. 286-88.
21. HARRIS e SADLER, "Plan of San Diego," pp. 387-88.
22. HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, p. 268.
23. Funston ao Departamento de Guerra, 10 de agosto de 1915, *FRUS—1915*, p. 803.
24. PARKER, James, *The Old Army: Memories, 1872-1918* (Filadélfia: Dorrance Publishing Company, 1929), p. 419; MILLETT, Allan R., *The General: Robert L. Bullard and Officership in the United States Army, 1881-1925* (Westport, CN: Greenwood Press, 1975), p. 276.
25. *Ibid.*, 419.
26. COERVER e HALL, *Texas and the Mexican Revolution*, p. 88.
27. MILLETT, *The General*, p. 279. Para mais informação sobre os vários departamentos e distritos da época, veja *Order of Battle of the United States Land Forces in the World War, Volume 3, Part 2: Zone of the Interior: Territorial Departments, Tactical Divisions* (Washington, DC: U.S. Army Center of Military History, 1988).
28. Funston ao Secretário de Guerra, 30 de agosto de 1915, *FRUS—1915*, p. 806.
29. WEBB, Walter Prescott, *The Texas Rangers: A Century of Frontier Defense* (Austin: University of Texas Press, 1965), p. 486.
30. HARRIS e SADLER, "Plan of San Diego," p. 391.
31. COERVER e HALL, *Texas and the Mexican Revolution*, p. 106.
32. Citado em HARRIS e SADLER, "Plan of San Diego," pp. 391-92.
33. CUMBERLAND, "Border Raids," pp. 302-11; MILLETT, *The General*, pp. 278-79. Deve ser observado que alguns dos ataques iniciais no verão de 1915 utilizaram mexicano-americanos amistosos morando no Texas para atacar alvos a mais de 110 km ao norte da fronteira. Nos finais de agosto, setembro e outubro, após as autoridades e civis locais se esforçarem violentamente para limpar o vale de bandidos potenciais, quase todos os ataques ocorreram a poucas milhas da fronteira. Seguidores do Plano de San Diego precisavam de assistência no norte da fronteira se quisessem atacar em profundidade e sustentar seus esforços. A população hostil do Texas eliminou rapidamente tal assistência. Funston relatou em setembro de 1915, "Está bem demonstrado que, até agora, muitos indivíduos constituindo grupos de bandidos, que nos proporcionaram tantos problemas, são formados por pessoas que atravessam do lado mexicano e obtêm armas em depósitos escondidos do lado americano e depois iniciam incursões predeterminadas. Quando perseguidos e caçados por grupos de xerifes, guardas policiais ou soldados, os bandos se fragmentam e retornam para o México. McCain a Lansing, 13 de setembro de 1915, *FRUS—1915*, pp. 810-11.
34. HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, p. 249.
35. CLENDENEN, *Blood on the Border*, 183; Breckinridge a Bryan, 24 de março de 1915, *FRUS—1915*, p. 794.
36. HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, p. 249-50.
37. MILLETT, *The General*, pp. 275-76. Também veja VANDIVER, Frank E., *Black Jack: The Life and Times of John J. Pershing*, vol. 1 (College Station: Texas A&M University Press, 1977), p. 584; e PALMER, Frederick, *Bliss, Peacemaker: The Life and Letters of Tasker H. Bliss* (Nova York: Dodd, Mead and Company, 1934), pp. 101-19.
38. PARKER, *Old Army*, pp. 418-19.
39. Breckinridge a Funston, 24 de julho de 1915, *FRUS—1915*, p. 800.
40. Lansing a Johnson, 28 de agosto de 1915, *FRUS—1915*, p. 804; Lansing a Silliman, 28 de agosto de 1915, *FRUS—1915*, p. 805; Puig a Lansing, 28-29 de agosto de 1915, *FRUS—1915*, pp. 805-6; CUMBERLAND, "Border Raids," p. 299.
41. *Ibid.*, pp. 296-99; HARRIS e SADLER, "Plan of San Diego," p. 389.
42. SANDOS, "Plan of San Diego," p. 17; HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, pp. 278-87; CUMBERLAND, "Border Raids," pp. 298-99.
43. "Testimony of John I. Kleiber," 23 de janeiro de 1920, Comitê sobre Relações Externas do Senado dos Estados Unidos, *Investigation of Mexican Affairs* (Washington, DC: GPO, 1920); SANDOS, *Rebellion in the Borderlands*, pp. 101-5; HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, pp. 292-93.
44. Citado em HARRIS e SADLER, *Texas Rangers*, p. 293; CUMBERLAND, "Border Raids," p. 304.
45. CUMBERLAND, "Border Raids," p. 305.
46. Citado em LINK, *Woodrow Wilson and the Progressive Era*, 134; (Ênfase no original).
47. KATZ, *Secret War*, pp. 50-350; HAGER, "Plan of San Diego," pp. 331-33; GERLACH, "Conditions Along the Border," pp. 196-201; SANDOS, "Plan of San Diego," pp. 11-12; e SANDOS, James A., "German Involvement in Northern Mexico, 1915-1916: A New Look at the Columbus Raid," *Hispanic American Historical Review*, 50 (Fevereiro de 1970), pp. 70-88. A gravidade da interferência alemã no México se tornaria mais amplamente conhecida no início de 1917, quando o Ministro de Relações Exteriores alemão, Arthur Zimmerman, enviou seu famoso telegrama ao representante alemão na Cidade do México incentivando os mexicanos a atacarem o

sudoeste americano no caso de uma guerra entre os Estados Unidos e a Alemanha. Zimmerman enviou o telegrama com a suposição que a declaração alemã de guerra submarina irrestriça contra o transporte marítimo para as forças aliadas obrigaria os Estados Unidos a entrarem na guerra. A inteligência britânica interceptou e decifrou o telegrama e depois manobrou para tornar sua existência conhecida pelos americanos. O telegrama Zimmermann ajudou a incitar os Estados Unidos para a guerra. TUCHMAN, Barbara, *The Zimmermann Telegram* (Nova York: Viking Press, 1958); KATZ, *Secret War*, pp. 350-83.

48. LINK, *Woodrow Wilson: Struggle for Neutrality*, 629-44; Correspondence in *Foreign Relations of the United States—The Lansing Papers, 1914-1920*, vol. 2, (Washington DC: GPO, 1940), pp. 528-54.

49. HAGER, "Plan of San Diego," p. 336.

50. KNIGHT, *Mexican Revolution*, vol. 2, p. 344; SANDOS, "Plan of San Diego," pp. 16-17.

51. Uma descrição popular genuína sobre esses assuntos é EISENHOWER, John S.D., *Intervention!: The United States and the Mexican Revolution, 1913-1917* (Nova York: WW Norton, 1993).

52. Sobre a volta de Villa contra os Estados Unidos, veja KATZ, *Life and Times of Pancho Villa*, pp. 499-541, e CLENDENEN, Clarence C., *The United States and Pancho Villa: A Study in Unconventional Diplomacy* (Ithica, NY: Cornell University Press, 1961), pp. 192-236.

53. A interpretação mais comum, especialmente dos primeiros historiadores, foi que Villa agiu por vingança porque os EUA reconheceram Carranza. Outros sustentam que a incursão foi uma expedição de busca de alimentos que tinha como alvo uns indivíduos que Villa acreditava que o tinham insultado. O seu biógrafo mais proeminente sustenta que ele agiu para preservar a independência do México porque acreditava erradamente que Carranza tinha feito um acordo com a administração Wilson, que cedia a autonomia mexicana aos Estados Unidos. KATZ, *Life and Times of Pancho Villa*, pp. 551-64, 884 nota de rodapé 13; Friedrich Katz, "Pancho Villa and the Attack on Columbus, New Mexico," *American Historical Review*, 83 (February 1978), pp. 101-30. Pelo menos um historiador alega que agentes alemães desempenharam um papel-chave instigando a incursão Columbus e a expedição punitiva. SANDOS, "German Involvement," 79-88.

54. EISENHOWER, *Intervention*, pp. 217-27; KATZ, *Life and Times of Pancho Villa*, 564-66; CLENDENEN, *Blood on the Border*, 196-210; STOUT, Joseph A., *Border Conflict: Villistas, Carrancistas and the Punitive Expedition, 1915-1920* (Fort Worth: Texas Christian University, 1999) pp. 33-44.

55. SCOTT, Hugh L., *Some Memories of a Soldier* (Nova York: Century, 1928), pp. 519-20.

56. *Ibid.*

57. Funston to Ajudant Geral, 10 de março de 1916, *FRUS—1916*, pp. 482-83; CALHOUN, *Power and Principle*, p. 53.

58. Citado em SCOTT, *Some Memories*, pp. 520-21.

59. Citado em SANDOS, James A., "Pancho Villa and American Security: Woodrow Wilson's Mexican Diplomacy Reconsidered," *Journal of Latin American Studies*, 13 (Novembro de 1981), p. 301. [ênfase no original].

60. Citado em SCOTT, *Some Memories*, pp. 520-21.

61. Existe literatura extensiva sobre a "expedição punitiva". Por exemplo, veja PERSHING, John J., "Punitive Expedition Report," Colonia Dublan, México, 10 de outubro de 1916; SMYTHE, Donald, *Guerilla Warrior: The Early Life of John J. Pershing* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1973), pp. 217-79; VANDIVER, *Black Jack*, vol. 2, pp. 604-68; BIRTLE, Andrew J., *U.S. Army Counterinsurgency and Contingency Operations Doctrine, 1860-1941* (Washington, DC: U.S. Army Center of Military History, 2004), pp. 199-208; BRADDY, Haldeen, *Pershing's Mission to Mexico* (El Paso: Texas Western Press, 1973); MASON, Herbert, *The Great Pursuit* (Nova York: Random House, 1970); MILLER, Roger G., *A Preliminary to War: The 1st Aero Squadron and the Mexican Punitive Expedition of 1916* (Washington, DC: Air Force History and Museums Program, 2003); JORE, Jeff, "Pershing's Mission in Mexico: Logistics and Preparation for war in Europe," *Military Affairs*, 52 (July 1988), pp. 117-21; e YOCKELSON, Mitchell, "The United States Armed Forces and the Mexican Punitive Expedition," 2 Partes, *Prologue*, 29 (Outono de 1997 e Inverno de 1997).

62. HARRIS e SADLER, "Plan of San Diego," pp. 394-98.

63. Funston ao Secretário de Guerra, 7 de junho de 1916, *FRUS—1916*, pp. 568-69.

64. Funston e Scott ao Secretário de Guerra, 8 maio de 1916, *FRUS—1917*, pp. 543-44.

65. O Departamento de Guerra dos Estados Unidos, *Annual Report—1916*, vol. 1, 11.

66. Citado em COERVER e HALL, *Texas and the Mexican Revolution*, p. 100.

67. SANDOS, "Plan of San Diego," p. 21; COERVER e HALL, *Texas and the Mexican Revolution*, p. 100; TYLER, Ronnie C., "The Little Punitive Expedition in the Big Bend," *Southwestern Historical Quarterly*, 78 (Janeiro de 1975), pp. 271-91; HALL, Linda B. e COERVER, Don M., *Revolution on the Border: The United States and Mexico, 1910-1920* (Albuquerque: University of New Mexico Press, 1988), pp. 71-4; Funston ao Secretário de Guerra, 7 de maio de 1916, *FRUS—1916*, p. 542.

68. Veja a correspondência em *FRUS—1916*, pp. 573-75.

69. HARRIS e SADLER, "Plan of San Diego," p. 399.

70. PARKER, *Old Army*, pp. 424-25; MILLETT, *The General*, p. 284; SANDOS, "Plan of San Diego," pp. 22-23; STOUT, *Border Conflict*, pp. 81-83; HARRIS and SADLER, "Plan of San Diego," pp. 399-400.

71. O Departamento de Guerra dos Estados Unidos, *Annual Report—1916*, vol. 1, pp. 11-12.

72. MILLETT, *The General*, pp. 285-90.

73. COERVER e HALL, *Texas and the Mexican Revolution*, pp. 100-1.

74. PARKER, *Old Army*, pp. 425-29.

75. *Ibid.*, pp. 424-25; MILLETT, *The General*, p. 284; SANDOS, "Plan of San Diego," pp. 22-23; STOUT, *Border Conflict*, pp. 81-83; HARRIS and SADLER, "Plan of San Diego," pp. 399-402.

76. Lansing a Wilson, 3 de julho de 1916, *FRUS—Lansing Papers*, vol. 2, pp. 560-62. Também veja "Correspondence Between Mexico and the United States Regarding the American Punitive Expedition, 1916," *American Journal of International Law*, 10 (Julho de 1916), pp. 179-225.

77. Comissários Americanos ao Secretário de Estado, 26 de abril de 1917, *Foreign Relations of the United States—1917* (Washington DC: GPO, 1926), pp. 916-38.

78. Citado em SANDOS, "Pancho Villa and American Security," p. 310. Baker repetiu o tema em ocasiões posteriores, dizendo a uma audiência que, por um lado, ele estava satisfeito mesmo não tendo capturado Villa, pois a força de Pershing no México deteve grandes ataques na fronteira. SMYTHE, *Guerilla Warrior*, p. 266.

79. SCOTT, *Some Memories*, p. 521.

80. SMYTHE, *Guerilla Warrior*, pp. 267-69.

81. MATTHEWS, Matt M., *The U.S. Army on the Mexican Border: A Historical Perspective*, Long War Series Occasional Paper 22 (Fort Leavenworth, KS: Combat Studies Institute Press, 2007), pp. 73-84; TURBIVILLE, Graham H., "US-Mexican Border Security: Civil-Military Cooperation," *Military Review*, 89 (Julho-Agosto de 1999): pp. 29-39; e POLITZER, Malia, "It's Our Job to Stop That Dream," *Reason*, 38 (April 2007): pp. 40-49.

82. GILCHRIST Jim e CORSI, Jerome, *Minutemen: The Battle to Secure America's Borders* (Los Angeles, CA: World Ahead Publishing, 2006); LARSEN, Solana, "The Anti-Immigration Movement: From Shovels to Suits," *NACLA Report on the Americas*, 40 (Maio-Junho de 2007): p. 14; e LELYVELD, Joseph, "The Border Dividing Arizona," *New York Times Magazine*, 14 de outubro de 2006: p. 40.

83. STEELE, Dennis, "Operation Jump Start: National Guard Aids Border Patrol Mission," *Army* (Novembro de 2006): pp. 16-37; MAGNUSON, Stew, "On the Line," *National Defense*, 92 (Agosto de 2007): pp. 60-66; ROMO, Rene, "Guardsmen Deploy to Border," *Albuquerque Journal*, 11 de junho de 2006: B1; John W. Gonzalez, "General Says Guard Will Look, Not Shoot," *Knight Ridder Tribune News*, 16 de junho de 2006: p. 1; FERRISS, Susan, "Guard's Border Role Support, Not Pursuit: U.S. Patrol has Enforcement Duty," *Knight Ridder Tribune News*, 20 de julho de 2006: p. 1; e WOOD, Daniel B., "New Troops at US Border," *Christian Science Monitor*, 27 de julho de 2006: p. 1.

84. MATTHEWS, *U.S. Army on the Mexican Border*, p. 80.

85. SEPER, Jerry, "Troops Flee from Border Outpost," *Washington Times*, 6 de janeiro de 2007, p. A01; SEPER, Jerry, "A New Role for the Undermanned Border Patrol; Unarmed National Guardsmen get a 'Nanny Patrol,'" *Washington Times*, 17 de agosto de 2006, p. A01.

86. BOWERS, Faye, "On Tighter US Border with Mexico, Violence Rises," *Christian Science Monitor*, 24 de abril de 2007, p. 1; BOWERS, Faye, "US Fights Border-Crime Epidemic," *Christian Science Monitor*, 25 de abril de 2007, p. 2; GILBERT, Daniel, "Shooting Case has Border Agents on Edge," *Christian Science Monitor*, 5 de junho de 2007, p. 3; SERRANO, Richard A., "Drug War Fuels Border Violence," *Seattle Times*, 20 de agosto de 2007, p. A3; SEPER, Jerry, "Lawmen Under Siege along Mexico Border," *Washington Times*, 15 de novembro de 2007, p. A1; SEPER, Jerry, "Border Agents Assaulted at Unprecedented Rate," *Washington Times*, 3 de janeiro de 2008, p. A4; e KIRKWOOD, R. Cort, "Border Town Violence," *New American*, p. 22 (7 de agosto de 2006): pp. 25-28.

87. Sobre o tédio da missão da Guarda Nacional e um pouco da raiva local sobre essa missão, veja GONZALEZ, John W., "Guardsmen's Behavior Called Isolated Incident," *Knight Ridder Tribune News*, 17 de setembro de 2006, p. 1; e SEPER, Jerry, "Texas Sheriffs Slam Inaction on Border," *Washington Times*, 26 de setembro de 2006, p. A04.

88. Sobre os esforços de recrutamento, veja FISCHER, Howard, "Bidding War is On for Border Agents," *Arizona Daily Star*, 17 de maio de 2007, p. A1, e JONES, Meg, "At the Border, A Second Front," *Milwaukee Journal Sentinel*, 4 de março de 2007, p. A1. Existe pressão contínua por líderes estaduais de estender a Operação *Jump Start*. Veja "Gov. Schwarzenegger Calls for Extension of Operation Jump Start," *US Fed News Service*, 1º de fevereiro de 2008; ROSENBERG, Eric, "National Guard Pulls Border Troops," *Beaumont Enterprise*, 20 de setembro de 2007, p. A5; SEPER, Jerry, "Guard Troop Pulled Back from Border," *Washington Times*, 9 de agosto de 2007, p. A1; FISCHER, Howard, "Gov.: Leave Guard on Border," *Arizona Daily Star*, 4 de agosto de 2007, p. A1; "Rep. Boozman Announces His Support of Expanding Operation Jump Start," *US Fed News Service*, 27 de fevereiro de 2007; e GONZALEZ, John W., "Guard Will Keep Duty on Borders," *Knight Ridder Tribune News*, 10 de novembro de 2006, p. 1.